



Os desafios de pensar a complexidade da Agroecologia na Licenciatura em Educação do Campo

Marília Carla de Mello Gaia¹

¹ Professora do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). E-mail: marilia.gaia@ufsc.br.

Resumo: O objetivo deste texto é discutir o princípio da complexidade da Agroecologia nos processos educativos na Licenciatura em Educação do Campo, tomando-se como ponto de partida a experiência docente na UFSC. Duas atividades educativas servem de base para esta discussão e possibilitam a reflexão da necessidade de construir os princípios e diretrizes da Agroecologia nas escolas do campo. Assim como precisa-se ampliar a compreensão geral do que é Agroecologia, torna-se necessário vê-la para além da implantação de hortas nas escolas.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Currículo; Escolas do Campo.

1. Introdução

Este texto se insere numa discussão maior, projeto de pesquisa em andamento, sobre os saberes e conhecimentos de Agroecologia presentes na Educação do Campo, desde o projeto político pedagógico do curso de formação de professores, o comparecimento da Agroecologia nas distintas disciplinas da graduação e também no cotidiano das escolas do campo (currículo e práticas pedagógicas), com recorte no ensino das Ciências da Vida e da Natureza. O estudo está em andamento a partir da minha inserção atual na Licenciatura em Educação do Campo (EduCampo) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), permeada por experiências anteriores na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enriquecida pela experiência profissional e militante no seio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Minas Gerais e, recentemente, em Santa Catarina.



Neste artigo, então, o foco é refletir sobre o desafio de construir o princípio da complexidade da Agroecologia nos processos educativos na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC¹. Este estudo se justifica em função da proposta do curso de tomar a Agroecologia como eixo transversal na formação dos educandos e educandas. Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso, a Agroecologia é um dos balizadores da formação na perspectiva de *problematização e intervenção no campo, visando à sustentabilidade* (EDUCAMPO, 2014, p.01).

A experiência de Educação em Agroecologia aqui relatada se baseia no desenvolvimento de duas atividades de ensino dentro de disciplinas da área específica da Agroecologia, presentes na matriz curricular da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, por mim ministradas entre novembro de 2015 e julho de 2016. Tais atividades foram desenvolvidas em quatro disciplinas distintas - Introdução à Agroecologia II, para a turma da 2ª fase (Turma VI); Manejo de ecossistemas produtivos I, para a turma da 4ª fase (Turma V); Manejo de ecossistemas produtivos II, para a mesma turma, mas já na 5ª fase; e Técnicas para o desenvolvimento da agricultura sustentável I, para a 7ª fase (turma IV). As atividades foram: i) O que é Agroecologia?; e ii) Agroecologia e Escolas do Campo.

2. Ensaio do ensino de Agroecologia na Educação do Campo

A partir da minha trajetória profissional e militante, busco construir nas minhas aulas uma visão mais ampla e política da Agroecologia, para além do que está sinteticamente identificado nos documentos do curso (PPP e proposta de alteração curricular). Não discordando do que está posto nos documentos, mas construindo com os educandos/as as possibilidades da Agroecologia no aspecto da necessária ruptura com o atual sistema vigente, que condiciona um modelo de produção agrícola, de educação, de escola e de consumo, entre outros. Neste sentido, então, a Agroecologia é abordada na perspectiva do materialismo histórico dialético, ou seja, atrelada à materialidade da produção e reprodução da vida no campo. Conforme Rego (2016), a Agroecologia pode servir de base para um

¹ O curso iniciou na UFSC em 2009, estando em andamento em outubro de 2016 a turma VII (iniciada em 2016), bem como as turmas V (2014) e VI (2015), todas em regime de alternância, intercalando atividades de Tempo Universidade e Tempo Comunidade.



sistema agrário (não apenas tipo de agricultura, uma prática ou uma técnica) mais sustentável. Destaco, concordando com diversos autores que a Agroecologia não é solução de todos os males, e não será ela sozinha a construir outros paradigmas de vida no campo.

No meu primeiro contato com três turmas da EduCampo em disciplinas distintas solicitei aos/as educandos/as que representassem, em forma de desenho e em uma síntese escrita, “O que é Agroecologia?”, antes de qualquer discussão em sala de aula, visando mesmo o levantamento de seus conhecimentos prévios sobre o conceito de Agroecologia. Em três distintos momentos, então, 42 estudantes fizeram a representação no desenho e a conceituação de Agroecologia.

Nesta análise inicial foi possível agrupar os desenhos (e também a partir da explicação oral dada aos mesmos) em três categorias por mim assim definidas: i) Agroecologia como forma de manejar a terra com fins de produção agropecuária; ii) Agroecologia como cuidado com o ambiente; e iii) Agroecologia como ciência.

Entre os estudantes que representaram a Agroecologia nesta relação direta de produção agropecuária, num total de 37 desenhos, destaca-se que a maioria (36) apresenta uma possível interpretação da Agroecologia como sinônimo de agricultura de base ecológica. Neste caso, relacionam a um manejo da terra sem uso de agrotóxicos, uma produção diversificada, utilização de insumos orgânicos, implantação de sistemas produtivos agroflorestais, etc. (Figura 1). Destes 36, 11 desenhos não possuem a representação humana na imagem (Figura 2). Um destes desenhos alia a questão da luta pela terra ao relacionar Agroecologia com manejo de solo para fins de agricultura, ao representar um trabalhador rural, homem, com enxada na mão, vestindo camisa e boné do MST.

Quatro desenhos representam a Agroecologia com o cuidado com o ambiente, marcadamente o ambiente natural (Figura 3). Estes remetem à desconexão de como aprendemos (e ensinamos) na escola o que é meio ambiente, esquecendo do ambiente como um todo, sistêmico, holístico, um ambiente dicotomizado pela relação campo-cidade / natural-construído, etc. Reflete como reforçamos a visão de campo e cidade como pólos antagônicos, separados não apenas pela diferença na materialidade da vida nestes dois espaços.



Apenas um desenho representou a Agroecologia como ciência - que foi a noção que busquei construir nas aulas seguintes com as turmas. Porém, como pode ser observado na Figura 4, uma ciência associada mais ao conhecimento intitulado como científico, proveniente do pensamento paradigmático. De acordo com Bruner (1998), a ciência moderna orienta-se dentro do modo paradigmático ou lógico-científico de pensamento. Este modo paradigmático baseia-se na argumentação, visando postular verdades objetivas, provas formais e empíricas, dentro de determinados procedimentos e métodos de investigação, em um sistema formal e matemático de descrição e explicação.

Em relação à conceituação por escrito do que é Agroecologia, 32 respostas iniciam diretamente com consideração da Agroecologia como um tipo de agricultura ecológica, remetendo muitas vezes a técnicas típicas das agriculturas mais sustentáveis, conforme os exemplos:

Agroecologia é uma agricultura ecológica, onde a agricultura utiliza de meios alternativos.

Agroecologia é a forma de cultivar e trabalhar a terra e todo seu sistema com práticas sustentáveis, visando sempre o equilíbrio e aproveitamento dos recursos naturais, respeitando os ciclos da natureza, preservando o ambiente, introduzindo agroflorestas, bioconstrução e permacultura.

Agroecologia é a forma de trabalhar a terra de modo sustentável, onde todos estejam em sintonia, respeitando o tempo e o espaço de cada um. Produção diversificada, propriedade auto-sustentável em insumos, como compostagem. Entender o solo, trabalhar sem veneno. Usar cobertura do solo permanente. Alimentação de subsistência.

Agroecologia é a agricultura que se pratica em pequenas propriedades de agricultura familiar, desde que essa respeite a natureza sem a utilização de agrotóxicos e insumos químicos sintéticos.

O que não quer dizer que esta visão de Agroecologia como forma de agricultura não incorpore alguns outros elementos sociais, culturais, locais, da saúde, etc.

Outras oito definições ressaltam mais a Agroecologia a partir da relação do ser humano com a natureza, de forma harmônica. Não que a questão produtiva com a terra não compareça na maior parte destas definições, mas não tomando apenas esta centralidade, como se observa:



Agroecologia é tudo o que está ligado à natureza. É a relação do homem com a natureza. Trata-se da plantação e cultivo natural visando à qualidade da mesma. Além disso, creio que abrange as diversas espécies de plantas, animais, valorizando a biodiversidade.

É a relação do homem com a natureza, o modo como vive e como produz sua vida, a interação do homem com as espécies.

Acredito que seja quando você consegue viver em um local e nele tem uma vida onde respeita a natureza, utiliza de forma consciente o que o meio oferece. Fazendo assim uma produção que gera lucros ao produtor e cuidando do meio ambiente.

Duas definições são marcadas pelo reconhecimento da Agroecologia enquanto ciência, mesmo que sem a complexidade inerente a esta conceituação:

Agroecologia é a ciência que estuda o campo/natureza com uma visão ecológica.

Agroecologia é uma ciência relacionada com a produção [agropecuária], usando do respeito ao meio onde está inserida e de técnicas que tentam imitar a natureza na produção de alimentos.

Apesar de estarmos em um curso de formação de professores e professoras para atuar nas escolas do campo, nenhum estudante demonstrou naquele momento (distintos momentos entre as três turmas), pelo desenho, discussão em sala ou conceituação por escrito, relação da Agroecologia com a Educação do Campo.

Assim, a segunda experiência de ensino aqui descrita representa uma tentativa inicial de construir reflexões da ligação da Agroecologia com a Educação do Campo, principalmente no chão da escola básica. Esta atividade foi desenvolvida em uma turma com sete estudantes. Para tanto, em dois momentos distintos, dois textos foram fornecidos aos/as educandos/as com intuito de fomentar a discussão (CALDART, 2016; LOVO, 2010).

Não há uma vasta literatura discutindo Agroecologia e Educação do Campo, sobretudo nos aspectos formativos nas licenciaturas. Os dois textos utilizados na atividade foram escolhidos em função da abordagem desafiadora de um no sentido da necessidade de pensarmos a Agroecologia dentro e a partir das escolas do campo e de outro que tenta associar a Agroecologia com os conteúdos escolares. Como a turma estava desenvolvendo seu primeiro estágio curricular obrigatório no Ensino



Fundamental no referido semestre da atividade e os/as educandos/as se mostravam cheios de angústias e anseios em relação ao mesmo, estes dois textos me permitiram aproximar os conteúdos de Agroecologia de forma bem direta com este momento de maior aproximação com a realidade da escola. As escolas que receberam os estágios não têm a Agroecologia como matriz, como prática, como disciplina ou como conteúdo direto de aula, conforme relato dos/as educandos/as.

Muitas foram as discussões, em distintos momentos de aula, sobre a Agroecologia nas escolas do campo, sobretudo como trabalhar/experimentar/vivenciar este tema nas escolas. Aqui, vamos nos ater apenas à produção escrita final que os/as educandos/as elaboraram. Destaca-se que nestas produções, os/as educandos/as conseguiram, mesmo que de forma inicial, relacionar o discutido na disciplina com a vivência do estágio durante os Tempos Comunidade. Outro destaque tem relação à compreensão/conceituação da Agroecologia, mais ampla do que no nosso primeiro encontro, vista não mais apenas como forma de produção agropecuária mais ecológica.

Foram apontadas, pelos/as educandos/as, algumas possibilidades da inserção da Agroecologia nas escolas, sobretudo através da realização de projetos pedagógicos (construção de uma horta, por exemplo), de cursos de formação (para professores/as) ou como componente conceitual e procedimental em diferentes disciplinas – neste caso, contribuindo, inclusive, como integradora das diferentes disciplinas escolares. Podemos observar um pouco destas questões nos trechos a seguir, extraídos dos diferentes textos:

Inserir a agroecologia na escola não mudaria o conteúdo em si a ser trabalhado, mas as relações a serem exploradas em sala com estes conteúdos, e a forma de abordar o conhecimento e os estudantes.

A abordagem da agroecologia na escola do campo seria interdisciplinar, da mesma forma como a vida não é disciplinar – disciplinar são as fábricas e as escolas que preparam para as fábricas. Ser disciplinar, entretanto, não significa desconsiderar a organização e os conteúdos, mas é justamente reformar a percepção das relações entre os conteúdos, e uma outra forma de acessar o conhecimento.

Uma aula por semana da educação física poderia se ter o manejo da horta (aula prática), mas não só na educação física; em química e física pode se estudar os malefícios dos agrotóxicos, sementes transgênicas, a biotecnologia; na geografia pode trabalhar as culturas diferentes de agriculturas orgânicas por região, quais as culturas



específicas para cada tipo de clima, os tipos de solo; na matemática entraria com valores, medidas, estatísticas. Sabe-se da dificuldade que existe em trabalhar assuntos diferenciados na escola, mas a partir do momento que há um engajamento da escola e uma articulação dos professores é possível trabalhar essa temática de uma maneira que faça sentido e traga resultados esperados, para que o mesmo se amplie para as casas dos educandos e para toda a comunidade.

A necessidade de uma melhor compreensão do que é Agroecologia e sua inserção no PPP e no cotidiano da escola também se fizeram presentes:

Caberia então, começar um diálogo com a direção e professores em um primeiro momento das áreas das Ciências da Natureza, para uma tentativa de inserir a agroecologia como um princípio da escola.

A agroecologia não seria um objeto inserido na escola como atividade pontual, mas seria componente intrínseco ao processo.

[A Agroecologia] Precisa aparecer em seu projeto político pedagógico (PPP), mas não refiro-me apenas a estar registrado no documento que se torna empoeirado nas gavetas, mas no projeto que corre nas “veias” e cotidiano da escola, o projeto que, de fato, acontece nas relações dos sujeitos.

As produções escritas apresentadas são uma tentativa ainda teórica de localizar a Agroecologia nas escolas do campo, ficando o desafio de construir junto com os/as educandos/as, nas suas escolas e comunidades, ensaios dessa educação emancipadora com experimentos que a Agroecologia pode contribuir neste processo, dentro e fora da sala de aula, dentro e fora da escola.

3. O desafio de compreender, construir, ensinar e aprender a Agroecologia na sua complexidade

É recorrente a associação de Agroecologia com agricultura de base ecológica, e não a partir de sua complexidade e muitas dimensões. Os modos de produção com enfoque ecológico ficaram genericamente conhecidos como *agriculturas alternativas* ou *agriculturas não-convencionais*. Conforme Camargo (2007) e Jesus (2005), dentro das agriculturas alternativas/não-convencionais, com maior destaque na Europa e no Brasil, pode-se citar, não ignorando as especificidades teóricas,



metodológicas e epistemológicas de cada uma destas proposições, as seguintes: Agricultura Orgânica, Agricultura Natural, Agricultura Biológica, Agricultura Ecológica, Agricultura Biodinâmica, Permacultura, Agricultura Regenerativa, Agricultura Sustentável, entre outras. O foco aqui não está em discutir as especificidades de cada uma destas abordagens, mas ressaltar que estas têm em comum técnicas e práticas diferenciadas que caminham para a negação do modelo da Revolução Verde, ou seja, buscam uma saída do padrão produtivo convencional (CAMARGO, 2007; MARCOS, 2007). Desta forma, visam desenvolver e consolidar uma agricultura que seja produtiva, mas não a qualquer custo, que alie a esta produtividade um respeito ao ambiente, com conservação dos recursos naturais, melhor adaptação dos cultivos, maior sustentabilidade (MARCOS, 2007).

Apesar da proposição ecológica das *agriculturas alternativas*, Camargo (2007) nos chama a atenção para uma possível reprodução de valores e atitudes típicos da produção convencional, voltada para o mercado e o capital – sem que haja alteração na sua base de sustentação. Um exemplo é a abordagem fragmentada e parcial dos aspectos ambientais para o desenvolvimento da produção agropecuária, a partir da simples substituição de insumos sintéticos por insumos orgânicos, que, mesmo sem contaminar o solo, mantém a lógica da aquisição de insumos das empresas controladoras do mercado convencional. A produção continua baseada em relações exploratórias de trabalho, no empobrecimento dos solos e nos monocultivos. Neste sentido, alguns/as agricultores/as *alternativos/as* e consumidores/as acabam por criar um nicho de mercado dos ‘alimentos orgânicos’ a partir da agricultura dita *alternativa*. Esta acaba por sustentar a dieta alimentar de consumidores/as, oriundos das classes média e alta com grande poder aquisitivo para a compra dos *produtos orgânicos* com preços diferenciados - e altos - sem representar uma contraposição à lógica industrial/capitalista de produção no campo. Neste aspecto, Rego (2016, p. 80) afirma que “os limites para se construir um sistema agrário agroecológico aumentam quando a perspectiva de uma agricultura sustentável é apropriada pelo próprio capital”.

Em uma perspectiva mais simplificada (que não é a que busco construir entre os/as educandos/as) a Agroecologia pode ser enquadrada no rol das *agriculturas alternativas*, como as anteriormente citadas. Entretanto, a partir de uma perspectiva político-ideológica, consideramos que a



Agroecologia não é só uma contraposição tecnológica às práticas da Revolução Verde, mas, também, uma proposta de contraposição socioeconômica, intergeracional, de classe, de gênero e de identidade ao modelo vigente (GUTERRES, 2006)², bem como de Educação. Neste sentido, conforme Leff (2002), a Agroecologia incorpora, além do funcionamento ecológico para a sustentabilidade da agricultura, princípios de equidade na produção, para proporcionar acesso igualitário aos meios de vida. Muitas são as referências encontradas na literatura para definição da Agroecologia (JESUS, 2005). Por vezes a Agroecologia é considerada como técnica; como um paradigma produtivo emergente, como ciência; como um novo marco conceitual e de desenvolvimento.

Para Jesus (2005, p. 44), o paradigma agroecológico vem sendo construído, de forma participativa, a partir dos conhecimentos da comunidade acadêmica (pesquisadores/as, estudantes, professores/as), dos/as trabalhadores/as de organizações governamentais e não governamentais, de ambientalistas, dos/as agricultores/as locais (organizados ou não em associações ou representações), dos/as profissionais da área agrária, dos movimentos sociais. Tal construção vem ganhando espaço no surgimento de disciplinas e cursos de Agroecologia em instituições de ensino, na adoção de políticas públicas com foco na Agroecologia nos serviços governamentais de assistência técnica rural, na realização de diversos encontros que contam com a participação de pesquisadores/as, estudantes, agricultores/as, militantes políticos, entre outras experiências.

Assim, a mesma vai caminhando de um status de *paradigma* para a consolidação de uma *ciência*, como já é considerada por diversos autores da área. Segundo Gliessman (2005), a Agroecologia, como ciência, estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável.

Muitas entidades governamentais e acadêmicas tratam a Agroecologia como “referencial teórico supostamente neutro, a ser incorporado nas políticas de desenvolvimento rural sustentável, compatível ao e parte do modo de produção capitalista” (CAMARGO, 2007, p. 178). Ao contrário

² Com esta discussão não estamos afirmando que as demais abordagens das agriculturas alternativas não tenham um propósito de rompimento com o modelo agrícola vigente, mas, que, em muitas situações esta orientação ideológica de contraposição ao capital e seu modelo de desenvolvimento não está presente ou evidente nas discussões teóricas das mesmas.



disso, na perspectiva aqui considerada, a Agroecologia pressupõe uma tomada de posição de classe, uma valorização das relações sociais, que envolvem questões centrais como a concentração privada da água e da terra, o campesinato, a soberania alimentar, a Reforma Agrária, a luta de classe, a justiça ambiental, os movimentos sociais de luta pela terra, de educação emancipadora, etc. (LEFF, 2002; GUTERRES, 2006; CAMARGO, 2007).

Jesus (2005, p. 26) chama atenção para a constatação de que “do ponto de vista científico, a Ciência Agrícola baseia-se nas ideias do positivismo-reducionista, um modelo muito adequado aos interesses econômicos que dominam os sistemas de produção e os mercados agrícolas mundiais”. Já a Agroecologia se organiza sobre uma nova postura científica, que, conforme Prigogine e Stengers (1984) citados por Jesus (2005, p. 27), busca integrar a cultura científica tecnológica com a cultura científica de caráter mais humanista que reconhece também o saber popular e tradicional. Para Leff (2002, p. 37), os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população. Estes saberes e estas práticas não se unificam em torno de uma ciência: as condições históricas de sua produção estão articuladas em diferentes níveis de produção teórica e de ação política, que abrem o caminho para a aplicação de seus métodos e para a implementação de suas propostas. Os saberes agroecológicos se forjam na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas.

Segundo Freitas (2011, p 18) a “Agroecologia, como prática social, política e pedagógica, é o resultado de uma construção coletiva, social e historicamente delimitada, e, portanto, não tem uma definição única”.

Como educadora no âmbito da formação dos sujeitos do campo, parto do pressuposto e da possibilidade da Agroecologia como conexão entre o mundo do trabalho no campo e os aprendizados desenvolvidos na escola. Caldart (2016, p. 01) nos chama a atenção sobre “a potencialidade e importância política, ética e formativa de avançar na aproximação entre escolas do campo e Agroecologia”. Mas, ainda segunda a autora, esta não é uma construção que está dada e que é simples. “É uma relação que se coloca no bojo de um projeto de transformação da agricultura, assim como da



educação e da escola, a favor dos interesses sociais e humanos da maioria das pessoas, da humanidade” (idem).

4. Considerações para continuar a prosa...

Assim como os agroecossistemas em consonância com a Agroecologia tendem à complexidade, complexo também é o desafio de tornar a abordagem agroecológica na formação de professores/as e no dia-dia das escolas do campo, para além de experiências produtivas pontuais no entorno do espaço escolar. A escola sobre esta influência se balizará realmente a partir de múltiplos saberes e conhecimentos dos sujeitos do campo e da academia, em relação dialógica, para muito além do conhecimento científico escolarizado. A escola se constituirá com base em outras relações pessoais, de poder, de tomada de decisão, mais horizontais e participativas. A escola será de fato elemento da comunidade que a acolhe, considerando uma outra relação do ensino com a vida e com o trabalho no campo – a escola como parte deste complexo agroecossistema. Neste texto apenas iniciamos esta discussão, pois as experiências aqui relatadas são pontuais e apresentam breves apontamentos da possibilidade do caminhar da Agroecologia no processo formativo dos futuros professores e professoras do campo.

Referências

BRUNER, J. *Realidade mental, mundos possíveis*. [Trad. M. A. G. Domingues]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 211 p.

CALDART, R. S. *Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida*. Mimeo. 2016.

CAMARGO, P. *Fundamentos da transição agroecológica: racionalidade ecológica e campesinato*. Agrária, São Paulo, nº 7, pp. 156-181, 2007.

EDUCAMPO. *Proposta de alteração curricular – Licenciatura em Educação do Campo, ênfase em Ciências da Natureza e Matemática*. UFSC, 2014.



FREITAS, H. C. A. *O curso técnico em agropecuária da Escola 25 de Maio: conflitos em torno da construção da proposta agroecológica*. Rev. Bras. de Agroecologia. 6(2) : 13- 29, 2011.

GLIESSMAN, S. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 3ª ed., Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2005.

GUTERRES, I. *Agroecologia militante: contribuições de Enio Guterres*. 1 ed., São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 184.

JESUS, E. L. *Diferentes abordagens de agricultura não-convencional: história e filosofia*. In: AQUINO, A. M; ASSIS, R. L. (Editores técnicos). *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília: Embrapa, 2005. p. 21-48.

LEFF, H. *Agroecologia e saber ambiental*. *Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.*, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar., p. 36-51, 2002.

LOVO, I. C. *Agroecologia e conteúdos escolares*. *Presença Pedagógica*, v.16, n.93 mai/jun, 35-40, 2010.

MARCOS, V. *Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro*. *Agrária*, São Paulo, nº 7, p. 182-210, 2007.

REGO, T. T. *Formação em Agroecologia: Programa do Contestado da AS-PTA*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANEXOS



Figura 1: Representação em desenho de Agroecologia como forma de manejar a terra com fins de produção agropecuária.



Figura 2: Representação em desenho de Agroecologia como forma de manejar a terra, sem a presença do ser humano.



Figura 3: Representação em desenho de Agroecologia como cuidado com o ambiente.



Figura 4: Representação em desenho de Agroecologia como ciência.